

Terrorismo Jihadista? – A Representação Midiática do Islã na Cobertura Jornalística dos Ataques Terroristas

Cilene Victor¹, Lilian Sanches² e Marília Carrera³.

Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

Resumo: Este artigo busca investigar a relação entre a cobertura jornalística de eventos terroristas e a representação midiática dos muçulmanos, contribuindo para a cristalização de estereótipo em relação ao Islã. A cobertura jornalística de eventos terroristas é um objeto de pesquisa de relevância para o campo da Comunicação Social na medida em que há a percepção de que a islamofobia está se intensificando, principalmente em países da Europa Ocidental. É neste sentido que este estudo traz uma análise quantitativa a partir de *data scraping* e *data mining* de um levantamento de matérias de cinco jornais (os brasileiros Folha de S.Paulo, O Globo, o árabe Al Jazeera, o britânico BBC Londres e o norte-americano The New York Times) realizado trinta dias após os ataques de Ouagadougou, capital da Burkina Faso, e o atentado ao parlamento britânico, em Londres, Inglaterra.

Palavras-chave: *data scraping*; *data mining*; islamofobia; representação midiática; terrorismo.

¹ Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), Professora do curso de Jornalismo da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM). E-mail: cilenevictor@gmail.com.

² Mestranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). E-mail: lilian.sanches@gmail.com.

³ 3 Mestranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). E-mail: marilia.carrera@gmail.com.

1. Jihad e Terrorismo na Modernidade

O terrorismo, embora sem consenso terminológico, é um fenômeno milenar que tem sido estudado por diversos campos do conhecimento. Com o advento dos meios de comunicação de massa, o apelo midiático desse tipo de acontecimento tem crescido exponencialmente, em especial, após o 11 de Setembro. O jornalista e pesquisador espanhol Florencio Domínguez ressalta a existência inequívoca de uma estreita relação entre o terrorismo e a imprensa, sendo que “são muitos os investigadores deste tipo de violência que colocam o acento tônico dos ataques no elemento midiático” (DOMÍNGUEZ, 1999. p. 111).

O cientista político David Rapoport, referência nos estudos sobre terrorismo, sistematizou o fenômeno a partir do conceito de ondas, que se referem aos contextos e períodos históricos que englobam eventos terroristas com objetivos e características comuns e podem ou não se sobrepôr. Intitulada "The Four Waves of Modern Terrorism", a teoria divide os movimentos desde 1880 até a atualidade. Neste primeiro momento, os anarquistas russos teriam iniciado a primeira onda, batizada, então, de terrorismo anárquico e definida pela estratégia dos grupos de assassinar políticos e militares czaristas com o objetivo de derrubar o regime vigente.

Já a segunda onda começaria após a Primeira Guerra Mundial, com a luta anticolonial na Ásia e na África, que tem como característica principal o nacionalismo e ações de guerrilha contra os exércitos e representantes dos colonizadores. Após o período de guerras, inserida no contexto da Guerra Fria, a New Left seria a terceira onda, com seu auge registrado entre os anos 1960 e 1980, época marcada pelos atos de organizações como a OLP (Organização para a Libertação da Palestina), as Brigadas Vermelhas, ETA (Pátria Basca e Liberdade) e o grupo Baader-Meinhof; uma onda fortemente influenciada pelo êxito dos vietcongs contra as Forças Armadas norte-americanas durante a guerra do Vietnã.

Rapoport defende que o período atual ainda abarca a quarta onda terrorista, que teria emergido a partir da sucessão de eventos que foi desencadeada pela vitória da Revolução Islâmica no Irã, com a invasão do Afeganistão pela URSS em 1979 e, de modo mais agressivo, após o final da Guerra Fria. O novo contexto histórico permitiu a ascen-

são de novas organizações terroristas, pela primeira vez, baseadas em concepções fundamentalistas. Na visão do autor, o islã "está no coração da onda [...] eventos políticos que possibilitaram a quarta onda se originaram no islã e seu sucesso incentivou outros grupos religiosos em outros lugares" (RAPOPORT, 2013).

Baseado na teoria de Rapoport, o especialista estadunidense em terrorismo Jeffrey Kaplan (2008) argumenta ter identificado o surgimento de uma quinta onda de terrorismo, caracterizada pelo "utópico intuito de criar, de forma radicalizada, uma sociedade aperfeiçoada no nível local. [...] de reconstituir o modelo de uma 'Era de Ouro' perdida ou um mundo inteiramente novo em apenas uma geração" (2008, p. 12). O autor afirma que o conceito pode ser aplicado ao nigeriano Boko Haram e ao Estado Islâmico. O processo de conversão em massa e a agitação revolucionária praticados por esses grupos, segundo estudioso Anthony Celso (2015), "requer isolamento psicológica da sociedade moderna e isso pode se relacionar às dinâmicas utilizadas pela quinta onda islamista", o que atende aos demais critérios postulados por Kaplan (2008), mesmo se distanciando da utopia a nível local.

Ambos autores, ao mencionarem características da suposta quinta onda, utilizam o termo jihadista para se referir a grupos como Boko Haram e Estado Islâmico. A interpretação conferida ao termo jihad na atualidade – principalmente no Ocidente após o 11 de Setembro – tem sido foco de discussões e controvérsias, devido a seu caráter polisêmico e ideológico. O mesmo acontece com a delimitação do conceito de terrorismo.

No âmbito semântico, a jihad pode ser traduzida como "esforço" ou "luta" e, em termos gerais, não tem apenas conotação religiosa. No islã, o termo jihad está presente no Alcorão e é utilizado para se referir a diversos tipos de empenhos humanos em favor à Alá, sendo o mais comum, a luta pessoal contra as tentações mundanas e imperfeições do espírito, chamada popularmente de "jihad do coração ou da alma". Entretanto, abrindo espaços para controvérsias, muçulmanos adeptos a correntes fundamentalistas conferem ao conceito um aspecto mais proselitista (da'wa), que envolve a defesa da moralidade dualística (al-'amr bil-ma'ruf wal-nahy 'an al-munkar, comandar o bem e proibir o mal, em tradução livre). O próprio Estado Islâmico e a Al Shabaab, por exemplo, contam com raízes no takfirismo, a corrente política mais radical da religião, proveniente da palavra takfir, que significa herege. Com base em uma ideia distorcida (DEMANT,

2004) da jihad, esses grupos defendem a pureza do islã da linha wahabista, na qual todos que não a seguem são considerados hereges e infiéis, justificando suas mortes. O historiador Peter Demant (2004) defende que a jihad possui sentidos abstratos variados e fatalmente usados em sentidos figurados.

Montenegro (2002) é mais incisiva em considerar que a noção de jihad traduzida como guerra santa é uma mera invenção do Ocidente, principalmente no contexto em que é usado pelos meios de comunicação. Em consequência da narrativa midiática construída historicamente acerca da jihad com base nas estruturas tradicionais de poder, é comum que a opinião pública e os próprios veículos informativos realizem, frequentemente, uma associação deturpada entre islã, fundamentalismo e terrorismo.

O autor Antonio Petean pondera, afirmando que a realidade dos países muçulmanos é bastante complexa, de modo que o mundo islâmico não se resume a atos de violência política ou ações belicosas de grupos fundamentalistas que visam impor a sharia tão distantes do ideal humanitário do islã. Para Montenegro, a mídia ocidental acaba, também por desconhecimento da complexidade do contexto cultural, enfatizando ações violentas. "Devemos refletir se a mídia ocidental colabora para a difusão dessas mesmas ações (que condena), reforçando uma imagem do Jihad associado à guerra e destruição e criando um sentimento de islamofobia no ocidente" (PETEAN, 2016; p. 4).

O fato de o termo terrorismo também ser fontes de debates no que concerne a sua definição também contribui para associações equivocadas, baseadas em representações da realidade. Autores como o suíço Alex Schmid apontam a complexidade do tema e a ausência de uma definição neutra, devido aos vínculos ideológicos do termo, que pode ser considerado o mais politizado do vocabulário político da atualidade. "Em sua dimensão pejorativa, o destino do termo 'terrorista' é comparável ao uso e abuso de outros termos no vocabulário político, como racista, fascista ou imperialista" (SCHMID, 2011. p. 40).

2. Representação Midiática de Eventos Terroristas

Mesmo os atos terroristas existindo independentemente dos meios de comunicação, sua repercussão depende intrinsecamente da projeção no espaço público informati-

vo (NACOS, 2002). Desta forma, os acontecimentos ganham notoriedade e a relevância necessária para que processos de articulação sejam iniciados. Nacos (2003) vai além e posiciona a mídia no centro da produção dos atentados terroristas contemporâneos.

Principalmente nos Estados Unidos e Europa, a relação simbiótica travada entre terrorismo e mídia tem sido descrita como “teatro do terror”. O termo, carregado de significados simbólicos, reflete a carga dramática impressa no uso dos meios de comunicação tradicional pelas organizações terroristas. Com as atuais capacidades da mídia de massa, Shoshansi e Slone (2008) apontam que a cobertura jornalística tem sido ponto central de consideração na orquestração cuidadosa que envolve o planejamento de atos terroristas. Esta preocupação, na visão dos autores, faz parte de uma estratégia para a ampliação da percepção de poder por parte da opinião pública, permitindo que até pequenos grupos terroristas recebam atenção desproporcional as suas verdadeiras capacidades de ação.

Os eventos de 11 de setembro de 2001 colocaram o terrorismo em pauta na mídia ocidental. Bem como no meio acadêmico, a queda das torres gêmeas representa um marco na atenção voltada e no número de matérias publicadas acerca do tema. Chaia (2011) observa que a data desencadeou discussões em todo o mundo sobre a problemática da violência terrorista, que, apesar de negligenciada pela mídia, já vinha acometendo regiões com muito mais intensidade na virada do milênio.

Em 2015, Butler realizou um estudo comparativo entre o número de matérias publicadas mencionando a palavra terrorismo no *The New York Times* no período referente a dez anos antes e depois do 11 de setembro de 2001. Antes dos atentados, foram publicadas apenas 33 matérias sobre o tema ao longo da década, enquanto os dez anos após os ataques contou com 455 publicações que abordam o termo. Além dos resultados quantitativos, a pesquisa também analisou o conteúdo das matérias, que passaram a focar nos grupos fundamentalistas islâmicos. Para Butler (2015), a mídia construiu o terrorismo após o 11 de setembro de forma que acabamos “constantemente pensando nos terroristas como uma perigosa ameaça a nós e a nosso país”, ao passo que os dados encontrados antes dos atentados de 2001 apontam que o terrorismo não era abordado como um assunto de relevância nacional, bem como a cobertura focava em diversos perpetradores.

Estudos realizados (NACOS, 2016; SHARMA; NIJJAR, 2018) nos últimos anos apontam a hostilidade presente na representação midiática de imigrantes muçulmanos, principalmente no que concerne sua associação com o terrorismo. A mídia ocidental tende a confundir islã, terrorismo, muçulmanos e imigração como sinônimos, ignorando suas complexidades intrínsecas. Para Morin (2011), o termo islamita é o mais “rico em mal-entendidos”, tal como é usualmente empregada pela imprensa do Ocidente. O sociólogo francês afirma que a palavra “reduz tudo o que é islâmico a um islamita e todo islamita a um terrorista em potencial, o que impede que se perceba o aspecto complexo do Islã”.

Reforçando o retrato da figura do “muçulmano como terrorista” – já impregnada no imaginário social –, a cobertura jornalística dos ataques terroristas em nações ocidentais tem alimentado o pânico moral criado ao redor da possibilidade de atos de violência desta natureza estarem sendo planejados e executados dentro das fronteiras nacionais.

Segundo Sharma e Nijjar (2018), a questão extrapola os medos individuais, levando a questionamentos coletivos acerca da inabilidade dos Estados de se protegerem contra “imigrantes saqueadores”. Estes dois fatores, segundo os autores, abrem espaço para a legitimação de agendas nacionais e internacionais de vigilância que, muitas vezes, culminam com a quebra de privacidade de cidadãos e sanções que banem a entrada de imigrantes originários de países muçulmanos.

Uma vez que os migrantes são classificados pela opinião pública como potenciais terroristas, a legitimação de ideias antes moralmente questionáveis e até mesmo inaceitáveis torna-se possível, pois os muçulmanos são colocados “além dos domínios e fora dos limites da responsabilidade moral – e, acima de tudo, fora do espaço da compaixão e do impulso de ajudar (BAUMAN, 2016).

3. Muçulmanos, Jihad e Arquétipos na Mídia

Os arquétipos correspondem às imagens, símbolos e temas universais que habitam o inconsciente. O conceito foi cunhado por Carl Gustav Jung (2008) para designar as formas mentais coletivas, herdadas e inatas que interferem de maneira semelhante na mente das pessoas. Antunes Junior (2016) explica que os arquétipos são “metaprogra-

mas primordiais” responsáveis por instintos de sobrevivência. Os instintos são “respostas automáticas” alheias ao consciente e disparadas por um impulso natural que podem acionar ou ser acionadas por emoções. Compostos de símbolos Jung (2008) classifica os arquétipos entre símbolos naturais e símbolos culturais. Os símbolos naturais derivam do inconsciente e representam um grande número de imagens arquetípicas. Os símbolos culturais foram elaborados de maneira mais ou menos consciente e tornaram-se imagens coletivas aceitas pela sociedade. Os símbolos culturais desencadeiam emoções profundas, funcionando mais ou menos como os preconceitos.

Segundo Antunes Junior (2006), o arquétipo do herói é uma formação de pensamento primordial a partir de situações de ruptura que pressupõe a existência da imagem do vilão e da vítima. Em coberturas jornalísticas, a identificação de signos que estão no lugar do herói, do vilão e da vítima é o que desenha uma imagem empática arquetípica na psique dos seres humanos. Em uma análise da chamada do Jornal Nacional “A Europa Volta a Ser Alvo do terror” e das manchetes do G1 “Ataques Terroristas em Paris Deixam Dezenas de Mortos” e “Hollande Anuncia Pacote de Medidas para Combater o Terrorismo”, o autor (2016) busca mostrar como a cobertura jornalística se apropria de imagens arquetípicas para despertar empatia. Aqui foram selecionadas manchetes de notícias publicadas em cinco dos principais jornais do Brasil e do mundo sobre os ataques terroristas à embaixada francesa e à sede do exército em Burkina Faso e ao parlamento britânico na Inglaterra. As notícias publicadas nas primeiras horas que sucederam os ataques terroristas constituem as primeiras impressões dos leitores sobre os atentados.

Quadro 1 – Manchetes sobre os ataques terroristas em Burkina Faso e Inglaterra.

	Burkina Faso	Inglaterra
Folha de S. Paulo	Sede do Exército e Embaixada da França São Alvos de Ataque em Burkina Fasso	Carro Avança sobre Parlamento Britânico e Polícia Suspeita de Terrorismo
O Globo	Ataques Deixam ao Menos 15 Mortos e 50 Feridos em Burkina Faso	Polícia Britânica Trata como Terrorismo Colisão de Carro perto do Parlamento

Al Jazeera	Burkina Faso: Army Headquarters and French Embassy Attacked	Car Crash Outside UK's Parliament Treated as Terrorist Attack
The New York Times	Militants Carry Out Deadly Attacks in Burkina Faso	London Driver held in Terrorism Inquiry after Car Crash near Parliament

Fonte – As autoras (2018).

Em relação aos ataques terroristas estudados neste artigo, a embaixada francesa e o parlamento britânico são associados como sendo as vítimas e o grupo ligado à Al-Qaeda e o sudanês Salih Khater são facilmente identificados como os vilões. A imagem do herói está associada às próprias vítimas França e Inglaterra que se posicionam contra o terrorismo no cenário internacional. Na avaliação de Antunes Junior (2016), esta divisão de papéis não desperta empatia pelo inimigo. A generalização coloca o inimigo como o próprio terror, impedindo uma compreensão mais profunda das motivações dos ataques terroristas. A separação dualista bem versus mal assume o primeiro plano, em que o “nós” se constitui como a parte certa e o “eles”, como errada e incompreensível.

De acordo com Ingrid Gomes (2012), é preciso questionar a quem interessa a generalização da imagem do muçulmano como terrorista e, por associação simplista, como o inimigo do Ocidente. Em estudo sobre a representação do Islã no O Estado de S. Paulo e na Folha de S. Paulo, Gomes (2012) verificou que as principais características do Islã são representadas recorrentemente como fundamentalistas e terroristas em um cenário em que, conseqüentemente, a cultura ocidental se sobrepõe à cultura oriental. Explorado na psicologia social por Serge Moscovici (2001), o conceito do autor romeno entende que as representações sociais se fazem presentes sempre que as pessoas se deparam e se familiarizam com algo ou alguém controlando e dando sentido às informações que elas recebem e tentam significar.

Segundo Gomes (2012), critérios de noticiabilidade que envolvem a factualidade e pressupostos empresariais e políticos que priorizam o discurso ocidental em detrimento do discurso oriental impedem que o muçulmano seja retratado como alguém conecta-

do à complexidade dos contextos em que estão inseridos. Moscovici (2001) explica que as representações sociais são criadas por grupos de pessoas no decurso na comunicação e da cooperação. Entretanto, após serem criadas as representações sociais adquirem “vida própria”. As formas principais do ambiente físico e social estão fixadas em representações sociais ao mesmo tempo que as representações sociais formam as pessoas. Quanto menos se pensa nas representações sociais, menos consciência se tem delas e maior se torna sua influência.

Os dados da Global Terrorism Database (GTD) apontam que a África e a Ásia foram as regiões que mais sofreram ataques terroristas de alta intensidade entre 1970 e 2015. Em estudo sobre a cobertura jornalística dos atentados terroristas de Bir al–Abed e de Manhattan, Cilene Victor, Lilian Sanches e Marília Reinato Carrera (2017) buscaram mostrar que, no Brasil, a cobertura jornalística tende a dar mais visibilidade aos atentados que acontecem no Ocidente em detrimento dos atentados que acontecem no Oriente. As autoras (2017) identificaram a partir da análise quantitativa dos jornais Folha de S. Paulo, O Globo, El País, Al Jazeera e The New York Times que o atentado em Bir al–Abed teve mais vítimas, porém menos repercussão que o atentado ocorrido em Manhattan.

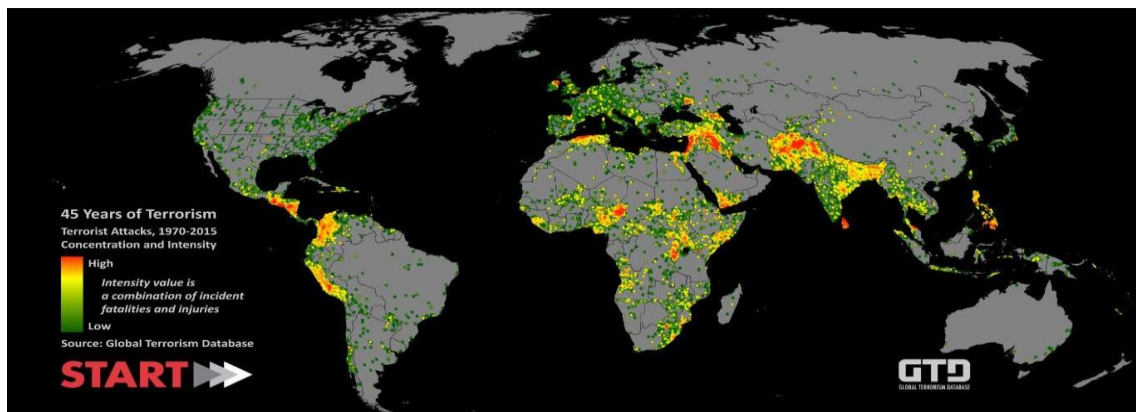
Quadro 2 – Comparação entre ataques terroristas no Egito e nos Estados Unidos.

	Bir al–Abed	Manhattan
Descrição	O ataque terrorista de Bir al–Abed aconteceu em 24 de novembro de 2017 na Mesquita de Al–Rawdah, em Bir al–Abed, no Egito.	O ataque terrorista de Manhattan aconteceu em 31 de outubro de 2017 na Ciclovia de Manhattan, em Nova York, nos Estados Unidos.
Matérias	43 matérias foram publicadas, sendo 17 no The New York Times, 12 no O Globo, 07 na Folha de S. Paulo, 02 no El País e 05 na Al Jazeera.	176 matérias foram publicadas, sendo 94 no The New York Times, 44 no O Globo, 28 no Folha de S. Paulo, 05 no El País e 05 na Al Jazeera.

Vítimas	O atentado provocado pelo Estado Islâmico resultou em 305 mortos e 128 feridos.	O atentado provocado por Sayfullo Saipov resultou em 8 mortos e 12 feridos.
----------------	---	---

Fonte – As autoras (2018).

Imagem 1 – Concentração e intensidade de ataques terroristas entre 1970 e 2015



Fonte: Global Terrorism Database (2018).

As coberturas jornalísticas precisam abordar a complexidade do Islã para evitar generalizações da imagem do muçulmano. De acordo com Edgar Morin (2011), os avanços da Ciência e Tecnologia não se traduziram em melhorias na capacidade de compreensão dos fenômenos globais planetários. O pensamento racionalizador se reduz ao âmbito econômico, ignorando aspectos complexos da existência humana como a alma e os sentimentos em uma crise que coloca em xeque alguns dos principais mitos da humanidade como “dominação do mundo”, “felicidade” e “progresso”. Para o autor, a forma como a palavra “islamita” empregada nas mídias ocidentais é restritiva. É preciso travar um combate do espírito humano que traz a cegueira, a ilusão e a incompreensão e ao mesmo tempo a possibilidade de compreensão, lucidez e racionalidade.

O documento *Terrorism and The Media: A Handbook for Journalists* produzido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) afirma que o Jornalismo tem a missão de incluir a complexidade, evitando a negação da

realidade sob a alegação de que “não há o que entender” sob o pretexto de que terroristas são “bárbaros, ponto final”.

Apenas um jornalismo inclusivo pode cultivar diversas fontes de informação. Isto é essencial para oferecer uma visão equilibrada e pluralista do noticiário. A habilidade de responder ao medo é uma das maiores e mais viscerais qualidades que existem. Em caso contrário, pode levar pessoas abertas e tolerantes ladeira abaixo em direção à discriminação e ao preconceito. A habilidade de responder a eventos repentinos depende do tempo tomado para estabelecer uma política editorial aberta à diversidade. Isto consiste em ter muitos especialistas e testemunhas em mãos, contratar jornalistas de todos os grupos sociais e cobrir comunidades como parte da rotina em vez de procurá-las para se informar e reduzi-las a um grupo culpados ou vítimas (UNESCO, 2017, p. 39–40).

A partir de Jung, Antunes Junior (2013) questiona se a cobertura jornalística apoiada em reduzir arquetípicos não poderia controlar emoções do público para provocar empatias por certas personalidades e situações. O conhecimento de como despertar emoções a partir de uma construção narrativa orientada por imagens arquetípicas seria uma forma de induzir o público? De acordo com o autor (2013), as imagens arquetípicas garantem maior poder de persuasão e a identificação dos signos está sujeita tanto ao acontecimento em si quanto ao clima criado pela narrativa para a interpretação dos fatos. Com base nas representações sociais de Moscovici, é possível afirmar que a ausência da alteridade na cobertura jornalística age como um “poder invisível”. Este fato é conflitante com o papel social do jornalismo de promover ambiente social mais equitativo e tolerante. O Islã envolve aspectos complexos que estão fora da atuação jornalística noticiosa e que não devem ser reduzidos a interpretações simplistas que deteriorem a historicidade da cultura muçulmana.

4. *Data Scraping* – Jihad na Imprensa Brasileira

Apesar da pouca repercussão nos noticiários ocidentais, uma série de ataques coordenados na capital do Burkina Faso em 2 de março de 2018 vitimou 113 pessoas, sendo 28 mortos e 85 feridos. Os atentados, reivindicados pela Al Qaeda no Magreb Islâmico, ocorreram na zona diplomática de Ouagadougou e em instalações militares em diversos pontos da cidade. Explosões e tiroteios foram registrados no gabinete do pri-

meiro-ministro, nos Ministérios de Negócios Estrangeiros e Economia e na sede do Exército, além de atingirem diversos edifícios representantes de potências ocidentais como as embaixadas das França, Bélgica e Dinamarca e do escritório da ONU no país africano.

Pouco mais de cinco meses depois, Londres voltou a ser alvo de um ataque terrorista, no dia 14 de agosto de 2018. Na ocasião, um veículo avançou contra a barreira de segurança o Palácio de Westminster, sede do Parlamento britânico, atingindo ciclistas e pedestres. Três pessoas ficaram feridas e o perpetrador, identificado como Salih Khater, foi preso horas depois. Em pronunciamento oficial, a divisão antiterrorista da polícia britânica afirmou considerar o ato como terrorismo devido à localização icônica do alvo, deliberação e método utilizado, similar ao do ataque ocorrido um ano antes e reivindicado pelo Estado Islâmico.

Neste artigo, apresentamos os resultados preliminares de um estudo mais abrangente centrado na relação entre jornalismo, terrorismo e representações sociais, temas associados às dissertações de mestrado das autoras. Inicialmente, o enfoque foi dado à análise quantitativa dos termos relacionando a jihad ao terrorismo perpetrado por extremistas, presentes na cobertura jornalística dos ataques de Ouagadougou e Londres. Para fins práticos de metodologia, o estudo contemplou cinco veículos de comunicação, sendo dois nacionais – Folha de S.Paulo e O Globo –, o europeu El País, o estadunidense The New York Times e a rede árabe Al Jazeera.

A partir de recursos de data scraping, foram levantadas matérias nos cinco jornais, distribuídas em um período de 30 dias da ocorrência de cada um dos ataques terroristas. Já para a raspagem dos dados encontrados, foi realizada a inserção das palavras-chave “terrorismo”, “jihadista”, “ataque” e “atentado”, em português e em inglês, de acordo com o idioma do veículo, e cruzadas com os nomes das cidades correspondentes “Londres” e “Ouagadougou”.

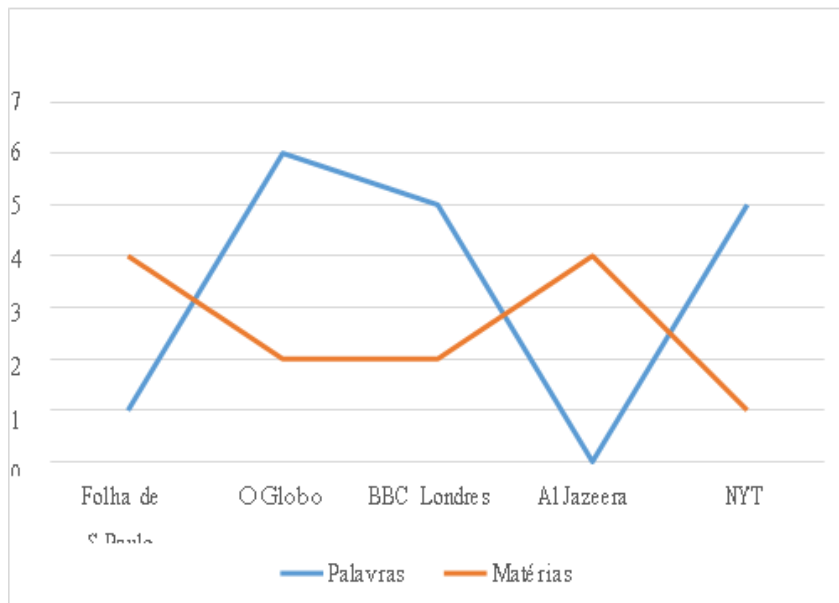
Ao longo de 30 dias após o ataque de Ouagadougou, de 2 de março a 3 de abril de 2018, foram levantadas 11 matérias sobre o evento terrorista, distribuídas entre The New York Times (1), O Globo (2), Folha de S.Paulo (2), BBC Londres (2) e Al Jazeera (4). Já no mês subsequente ao atentado ao Parlamento inglês, de 14 de agosto a 14 de setembro de 2018, por sua vez, foram publicadas 21 matérias, distribuídas entre The

New York Times (5), O Globo (4), Folha de S.Paulo (3), BBC Londres (8) e Al Jazeera (1).

Os dados levantados, por meio de códigos de scraping e mining, foram escritos na linguagem de programação R e checados manualmente pelas autoras, visando reduzir erros comuns no processo de raspagem e mineração. Após o procedimento de raspagem, foi utilizado o recurso de data mining para o levantamento da presença do termo jihadista associado a atos terrorista na cobertura realizada dos dois atentados pelos cinco jornais.

O gráfico a seguir mostra a presença de palavras associadas à "jihad" na cobertura online do ataque em Ouagadougou nos cinco jornais, sendo Folha de S.Paulo (uma palavra, em quatro matérias), O Globo (seis palavras, em duas matérias), BBC Londres (cinco palavras, em duas matérias), Al Jazeera (nenhuma palavra, em quatro matérias) e NYT (cinco palavras, em uma matéria).

Gráfico 1 – Jihad no Ataque de Ouagadougou.

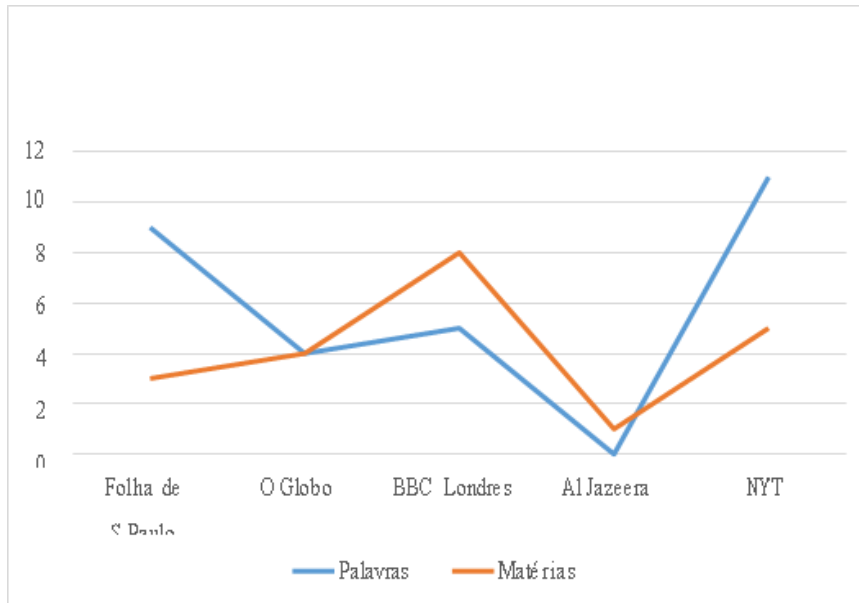


Fonte – As autoras (2018).

Já a imagem a seguir apresenta a associação à "jihad" na cobertura online do ataque ao Parlamento, em Londres, nos cinco jornais, sendo Folha de S.Paulo (nove palavras, em três matérias), O Globo (cinco palavras, em quatro matérias), BBC Lon-

dres (quatro palavras, em oito matérias), Al Jazeera (nenhuma palavra, em uma matéria) e NYT (11 palavras, em cinco matérias).

Gráfico 2 – Jihad no Ataque de Ouagadougou.



Fonte – As autoras (2018).

A partir da análise quantitativa, é possível observar que somente a cobertura da Al Jazeera não associou palavras ligadas à jihad aos ataques terroristas, o que se relaciona à inserção do veículo no mundo árabe, física e culturalmente. No outro extremo do estudo, o The New York Times foi o jornal que mais realizou a associação, mencionando 16 vezes as palavras ligadas à jihad em seis matérias. Este resultado pode ser explicado pelo contexto histórico e ideológico iniciado nos Estados Unidos e transmitido para o Ocidente após o 11 Setembro. Para Morin (2011), os atentados constituíram um "eletrochoque decisivo para o devir da sociedade-mundo e, com a desintegração das duas torres de Manhattan, propagou no globo o sentimento de uma ameaça".

A dinâmica oriunda do 11 de setembro alterou a percepção do terrorismo no imaginário social, principalmente no que concerne à ameaça gerada por grupos terroristas, antes percebida como distante por acometer apenas países "distantes e subdesenvolvidos" (MORIN, 2011). Conseqüentemente, a resposta a essa nova ameaça, batizada de "guerra ao terror", direcionou seus esforços contra os grupos islamitas, baseados em

uma agenda historicamente preconceituosa referente à construção orientalista de que o islã seria "um mal a ser combatido por apresentar um perigo sem precedentes para o Ocidente" (GOLDBERG, 2009).

Nesta conjuntura, os veículos brasileiros analisados exemplificam, por meio dos resultados obtidos, a reprodução do discurso de jornais e agências de notícias estrangeiras frente a reportagens produzidas pela imprensa brasileira. Diversos autores (LAGE, PENA) argumentam que este processo cíclico confere ao jornalismo o caráter "informativo e não formativo, transformando a imprensa em porta-voz da estrutura dominante" (JONCEW, 2005).

Esta sistematização da hegemonia discursiva propagada pela reprodução de informações vindas do exterior se relaciona de modo complexo com o papel social do jornalismo, especialmente no que concerne o debate de ideias divergentes e os efeitos da disseminação informativa sobre a opinião pública.

Segundo o pensamento de Bourdieu (1987), "o sistema de produção e circulação de bens simbólicos compreende o sistema de relações objetivas entre diferentes instâncias, definidas pela função que cumprem na divisão do trabalho de produção, de reprodução e de difusão de bens simbólicos". Este pensamento do sociólogo francês leva a conclusão de que um bem simbólico também engloba qualquer mensagem que abarque a presença de um enunciador com interesses a serem defendidos, como é o caso das fontes, cuja presença e visibilidade na mídia espelha os jogos de poder da estrutura vigente (JONCEW, 2005).

5. Considerações Finais

Com base nas matérias estudadas, é possível constatar que a mídia ocupa lugar central na criação e cristalização dos estereótipos dos muçulmanos representados midiaticamente na cobertura jornalística de eventos terroristas como os investigados por este estudo, em Ouagadougou e Londres. Ao todo, foram analisadas 32 matérias.

A sistematização da hegemonia propagada pela reprodução de discursos ocidentais se relaciona de modo complexo com o papel social do jornalismo, especialmente no

que concerne ao debate de ideias divergentes e os efeitos da disseminação informativa sobre a construção de estereótipos na sociedade.

Kitzinger (2000) observa como os enquadramentos associados a eventos traumáticos evoluem até se tornarem moldes midiáticos impregnados de referências a história passada, que fatalmente produz abordagens e narrativas rígidas e acentuadas utilizadas para enquadrar acontecimentos posteriores em padrões estereotípicos. A utilização repetitiva desse recurso retórico, na visão da autora, reforça perspectivas e constrói narrativas instrumentais, principalmente, sobre problemas sociais, influenciando a opinião pública.

Segundo Lippmann (1922), o público precisa dispor de representações inequívocas do mundo para que possa construir uma opinião pública efetiva. Devido aos limites então temporais e à ausência de métodos sistemáticos de produção noticiosa, a imprensa falharia em cumprir seu papel social, produzindo notícias que apresentam a realidade de modo inadequado e estereotipado.

A representação midiática dos acontecimentos históricos e a propagação cíclica de discursos homogêneos são constituídos de forma sutil. Das 32 matérias analisadas, 23 apresentam associações entre terrorismo e a jihad. Fica evidente que a mídia ocidental tende a confundir islã, terrorismo, muçulmanos e imigração como sinônimos, ignorando suas complexidades intrínsecas. Para Morin (2011), o termo islamita é o mais "rico em mal-entendidos", tal como é usualmente empregada pela imprensa do Ocidente. O sociólogo francês afirma que a palavra "reduz tudo o que é islâmico a um islamita e todo islamita a um terrorista em potencial, o que impede que se perceba o aspecto complexo do Islã" (p.117).

A partir dos resultados e análises decorrentes, o presente artigo abre caminho para pesquisas posteriores, nomeadamente, no que diz respeito ao nível de absorção do discurso associativo entre terrorismo, muçulmanos e a jihad na sociedade.

Referências

- ANTUNES JUNIOR, F. **A retórica do medo: uma análise neurolinguística da mídia.** 2016. 309 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, Faculdade dos Meios de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/9507>>. Acesso em: 9 jan. 2017.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. **Estranhos à nossa porta.** Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- BOURDIEU, P. O mercado de bens simbólicos. In: **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 1987. P.99-181.
- BUTLER, T. **The media construction of terrorism pre and post-9/11.** 2015.
- CELSO, A. **The Islamic State and Boko Haram: fifth wave jihadist terror groups.** Foreign Policy Research Institute, San Angelo, 2015.
- CHIA, L. Foreign news coverage in four online newspapers. 2007. **Journalism and Communication,** University of Queensland, 2007.
- COHEN, S. **Folk devils and moral panics.** 3 ed. Nova York e Londres: Routledge, 1980.
- DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano.** 2 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- _____. Fundamentalismo Islâmico: a escorregada rumo ao extremismo muçulmano. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs). **Faces do fanatismo.** São Paulo: Contexto, 2004. p.16-31.
- DOMINGUEZ, F. **Periodistas ante conflictos: el papel de los medios de comunicación en situaciones de crises** (Org. Roberto Rodríguez Andrés & Teresa Sádaba Garraza); Eunsa – Ediciones Universidad de Navarra, Navarra, 1999.
- GOLDBERG, D. T. **The threat of race.** Oxford, UK: Blackwell. 2009.
- GOMES, I. **Olhares sobre o outro: estudo das representações do Islã nos jornais Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo.** 2012. 276 f. Tese (Doutorado em Processo Comunicacionais) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2012.
- JONCEW, C. **A participação das fontes formais na qualificação da notícia.** 310 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.
- JUNG, C. Chegando ao inconsciente. In: JUNG, Carl Gustav et al. **O homem e seus símbolos.** 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 15–132.
- KAPLAN, J. Terrorism's fifth wave: a theory, a conundrum and a dilemma. **Perspectives on Terrorism,** Lowell, v. 2, n. 2, p.12-24, jan. 2008.

NACOS, B. Covering terrorism. A series of two e-seminars. In: **Columbia Interactive Seminars**. Disponível em: <http://ci.columbia.edu/ci/eseminars/1342s_detail.html>. Acesso em: 23 nov. 2018.

NACOS, B. The terrorist calculus behind 9-11: A model for future terrorism?, In: **Studies in conflict & terrorism**. ed Taylor & Francis, 26, 2003, p. 1-16.

MORIN, E. **Rumo ao abismo?** Ensaio sobre o destino da humanidade. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. Título original: *Vers l' abîme?*

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais:** investigações em psicologia social. Editado em inglês por Gerard Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PETEAN, A. **O Islamismo e o mundo moderno:** a questão do Jihad ou “guerra santa”. Revista Café Com Sociologia, São Paulo, v. 5, n. 1, p.11-14, jan. 2016.

RAPOPORT, D. C. The four waves of modern terror: international dimensions and consequences. In: **An International History of Terrorism: Western and Non-Western Experiences**, edited by Jussi M. Hanhimaki and Bernhard Blumenau, 282-310. New York: Routledge, 2013.

SCHMID, A. Statistics on terrorism: the challenge of measuring trends in global terrorism. In: **Forum on Crime and Society**. vol. 4. 2004.

SHARMA, S; JASBINDER, N. **The racialized surveillant assemblage:** Islam and the fear of terrorism. Popular Communication, 2018.

SHASHANI, A; SLONE, M. The drama of media coverage of terrorism: emotional and attitudinal impact on the audience, **Studies in Conflict & Terrorism**, 2008.

START. **Global Terrorism Database**. Disponível em: < <https://www.start.umd.edu/gtd/>>. Acesso em: 29 nov. 2018.

UNESCO. **Terrorism and the media:** a handbook for journalists. Disponível em:<<http://unesdoc.unesco.org/images/0024/>